

# SAKSAL

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

#22 (tomo 4) Jul. 2019

## FORNOS DE CAL ARTESANAIS DE PATAIAS

(Alcobaça)

Notas sobre a  
bioarqueologia da Ermida do  
Espírito Santo (Almada)

Os botões patrióticos /  
/ monárquicos D JOAO VI  
PRINCEPE REGENTE

Artes do couro no  
medievo peninsular:  
parte 2



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



# Uma Voz a Bradar no Deserto

José d'Encarnação

[Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Recordo amiúde uma frase lida na juventude e que tenho procurado transformar em norma de vida. É do livro *Caminho*, do conhecido e controverso fundador da *Opus Dei*, Josemaría Escrivá (1902-1975): “*Que a tua vida não seja uma vida estéril. Sé útil. Deixa rasto*”.

Muitos de nós, porventura, depois de havermos escrito um livro ou um artigo, nos perguntámos: “*Terei deixado rasto?*” Ou seja: ¿ainda que – como se preconiza tanto em artigo como em livro – se dê conta, em jeito de conclusão, do que, em nosso entender, trouxemos de inovador, que novas questões levantámos, que novas respostas apresentámos? A pergunta tem toda a razão de ser: terei sido uma “*voz que brada no deserto*”, a exemplo de João Baptista (João, 1, 23)? Que ecos tive ou terei?

Pedia recentemente a directora de uma revista científica, “*alguien que trabaje con seriedad porque, al ser buena revista, no nos llega otra cosa que trabajos de fin de máster e inicios de tesis, de investigadores que están empezando y necesitan hacer currículo*”. Artigos de “*cópia e cola*”, como já vai sendo uso designá-los, que nada trazem de novo, nem sequer uma resenha metódica e reflexiva sobre o que acerca de determinado tema se escreveu até ao momento, o “*estado da questão*”... Um estado da questão em termos de patamar para novos rumos, o que – e escrevo-o sem qualquer acrimónia nem maledicência! – só é mais verosímil se partir de quem algum caminho já percorreu. A metáfora de que urge subir ao monte para, do cimo, se abarcar melhor o panorama terá aqui pleno cabimento. E subir implica esforço, estudo do melhor carreiro, utilização das ferramentas mais adequadas.

## A revisão científica

No ritual ora implantado, caberá, obviamente, aos revisores científicos ajuizar e até – porque não? – aconselhar a quem esteja na condição referida pela citada directora.

Revisor científico que deverá, além disso, dar o seu parecer sobre se o texto em apreço se enquadra nos objectivos da revista a que se destina e se cumpre aqueles requisitos normais numa publicação: lógica e clareza na exposição.

E mais não peço, porque parto do princípio de que mesmo opiniões que não perfilhemos as devemos aceitar – e cumprirá ao leitor usar o seu espírito crítico, aceitando ou recusando o que se expõe. Custa-me ver, acredite-se, um revisor (*peer-review* ou *referee*, para usar a terminologia universal) que deita abaixo um escrito, só porque o autor não perfilha as suas ideias, embora tenha apresentado argumentos para defender a sua tomada de posição. Usar a revisão científica como forma de censura encapotada ou como espada para trincar caminhos é atitude de que – tenho a certeza – as direcções das publicações depressa se apercebem. Ter opinião diferente é mui saudável na Ciência, por obrigar a reflectir ainda mais. Governo sem Oposição corre sério risco de se amodorrar e nem as metas propostas atingir.

## A recensão bibliográfica

Virá a talhe de foice a questão das recensões bibliográficas. Parece que, à medida que aumenta o círculo dos avaliadores, diminui o número dos que não receiam meter ombros a uma recensão bibliográfica. O avaliador esconde-se sob o espesso manto do anonimato; o apreciador de uma obra em recensão tem o peito a descoberto, pode ser alvo a abater. Um medo generalizado, por isso? Ou será, antes, apatia? Ou estaremos a assistir a uma crescente dificuldade de argumentação?

Sei que não é rosa sem espinhos. E um dos mais sangrentos consistirá no modo como o autor vai aceitar o que dele se disse. Há quem ignore simplesmente, como se nada tivesse acontecido, mesmo que a recensão tenha sido bem positiva. Há quem reaja abruptamente e até deixe de falar com quem recenseou.

Não há muitos, na verdade, que adoptem aquela que é, a meu ver, a posição mais correcta: a análise serena, na aceitação do comentário, no agradecimento até, por ter havido alguém que se interessou. Recordo duas recensões que fiz há uns tempos. Louvei a coragem do autor por ter escrito o que escreveu e, como se antojava que seria esse o primeiro de uma série de livros que teria na manga, aproveitei para lhe dizer que escolhesse outra editora, pois aquela não se importava nada com a revisão dos textos – e o livro saíra pejado de gralhas, algumas delas verdadeiramente inconcebíveis. Era um antigo condiscípulo; nem tugiou nem mugiu. A outra foi ao livro, bastante badalado, de um conhecido pensador. Li-o com toda a atenção, anotei o que se me afigurara mais original e tomei a liberdade de indicar umas passagens em que a frase não saíra, a meu ver, escoreita a primor. Também não tive qualquer eco. E fiquei-me – mal acompanhado – com a imagem do João Baptista a bradar no deserto!... Claro, nem um nem outro verão outra recensão minha.

**“Muitos de nós, porventura, depois de havermos escrito um livro ou um artigo, nos perguntámos: «Terei deixado rasto?» Ou seja: que novas questões levantámos, que novas respostas apresentámos? A pergunta tem toda a razão de ser: terei sido uma «voz que brada no deserto», a exemplo de João Baptista? Que ecos tive ou terei?”**



ILUSTRAÇÃO: José Luis Madeira, 2019. Colagem.

E não resisto a contar uma história verdadeira. Houve em Cascais, nos anos 1960, o Louisiana Jazz Clube, criado pelo saudoso Villas-Boas. Lugar de boas tertúlias, que tinha, porém, um grande defeito: o concessionário punha a música muito alta e quase nos impedia de conversar. Chamámos-lhe a atenção e ele... nada! Demos em o criticar no jornal local. Criticámo-lo três semanas seguidas e desistimos. O senhor encontrou-nos depois e perguntou-nos, admirado:

– “Então, já não querem falar do Louisiana?”

Era assim como quem diz: “Falem bem ou falem mal, o que me interessa é que falem!”

Quantos de nós, algum dia, não perguntámos o mesmo em relação ao livro ou ao artigo que escrevemos e em que pusemos tanto empenho: ninguém diz nada?

Inútil? Não, como se vê, mesmo que se diga mal. Nunca é inútil uma recensão. Se não for útil para o próprio, é-o sobremaneira para o recenseur, pois o obrigou a pensar, a arrumar ideias e a expô-las numa sequência lógica.

Com efeito, além de apresentar, em linhas gerais, o conteúdo da obra, as razões que levaram o autor a escrevê-la, os objectivos alcançados, as novas perspectivas que abriu, a recensão deverá conter a apreciação da valia do trabalho efectuado.

Por isso se designa, amiúde, de “recensão crítica”, em que a palavra “crítica” acentua precisamente esse aspecto. Crítica que, embora possa abordar aspectos menos positivos, sempre o fará de uma forma construtiva, na certeza de que ninguém é senhor da verdade e podem existir aspectos que, de momento, não foram encarados, porque houve motivos para isso.

### Uma estranha recusa

Há obras que longamente amadureceram e que, por vezes, longamente esperam na estante pela disponibilidade do leitor. Não se nega que essa longa espera as pode ter desactualizado. No seu tempo, porém, eram... actuais! E fizeram parte de um percurso científico. Não compreendo, portanto, a estranha recusa por parte de algumas comissões de redacção em aceitarem recensões de obras “não-recentes”.

Há-de reparar-se, porém, que a introdução da informática pode vir a revolucionar por completo a periodicidade das revistas. Primeiro, porque passam a estar disponíveis números mais antigos e dos quais, por isso, não podemos dizer, em rigor, que perderam a actualidade; depois, porque, para darem vazão à actual facilidade de publicação, algumas direcções estão a optar pela periodicidade semestral.

Este último aspecto leva-me a referir um outro: discordo da opção pelos números duplos ou triplos na tentativa de se dar uma aparência de continuidade. E – que os responsáveis me perdoem! – exemplifico com o caso da revista *Anas*, do Museo Nacional de Arte Romano, de Mérida, que foi o último que me chegou às mãos: o seu número 25-26, publicado no final de 2018, vem datado de 2012-2013! Eu próprio, como os demais autores, estou certo, lá publiquei com os conhecimentos que obtivera até... 2018! E, agora, que pedem para apresentar o rol dos trabalhos publicados em cada ano, convir-se-á que... estamos perante um logro! O artigo não se fez em 2012-2013 e também não se pode apresentar como tendo sido publicado em 2018!... Que mal haveria em explicar às entidades superiores que os mais diversos motivos estiveram na origem do atraso verificado em relação ao n.º 25 e que ele saía, por isso, com a data, real, de 2018? Estranhas atitudes estas: a de se recusar a recensão de uma obra já com alguns anos (*in extremis*, não se deveriam aceitar artigos em que se analisasse um livro de Eça de Queiroz!...); e a de mascarar o atraso da publicação de uma revista anual, referindo-a a dois ou três anos anteriores. Nem uma nem a outra, a meu ver, detêm razoabilidade. 🐾

José d'Encarnação,  
20 de Maio de 2019

# almada online

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]

**uma edição**



## CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

[[c.arqueo.alm@gmail.com](mailto:c.arqueo.alm@gmail.com)]

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]